

SILVA; Márcio Eustáquio Pereira da¹, SANTOS; Carolina Rodrigues²

RESUMO

Nestes primeiros meses de 2024, tornou-se habitual se deparar com notícias na imprensa sobre escolas que proíbem completamente o uso ou a presença de celular em sala de aula. Muitos estudos e opiniões vêm aparecendo a todo momento, bem como listas de vantagens e de desvantagens desse recurso, cuja presença é marcante na vida das pessoas do século XXI. Nesse contexto, é claro que a prática excessiva de qualquer atividade, seja do uso de celular ou qualquer outra, pode impactar negativamente a saúde de uma pessoa. Assim, será feita uma comparação entre a utilização do celular e uma necessidade humana: na alimentação, o ser humano precisa suprir os nutrientes para a continuidade da vida por meio de carne, legumes, arroz, feijão etc. Contudo, a sobremesa não é indispensável para suprir as demandas da saúde, mas é um momento de prazer. De forma similar, o celular na mão dos jovens atuais vem sendo um recurso de prazer, e, na educação, devemos ser mais atrativos que esse aparelho para ganharmos a atenção dos estudantes. Então, fica a pergunta: até que ponto a proibição total da presença de celular pode favorecer a educação de alunos do ensino médio? O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência, ocorrida em março de 2024, em uma aula simulada de cena de crime em itinerário no Novo Ensino Médio. A metodologia usada foi preparar os alunos com os conceitos teóricos de ciências forenses, de acordo com o material didático, da 2ª série, de uma rede de ensino privada de Belo Horizonte, seguida de o professor preparar uma cena de crime simulada. Os discentes teriam que encontrar as marcas de impressões digitais nos frascos contendo um objeto furtado e coletar impressões digitais de possíveis suspeitos no local (prédio da escola), bem como realizar comparações para identificarem o indivíduo que cometeu o delito. O professor deixou os alunos com total autonomia para se organizarem e realizarem todo o procedimento de análise de digitais, investigação, conclusões e registro dos dados. Os resultados mostraram total comprometimento e interesse dos alunos, pois esqueceram o celular como atração e focaram na atividade lúdica de investigação. Esses jovens utilizaram esse dispositivo como ferramenta para fotografar as marcas de impressões digitais, filmar a coleta de possíveis suspeitos e como lanterna para facilitar a visualização das linhas das digitais. O primeiro autor deste trabalho, que é o professor da aula supracitada, percebeu que o aparelho telefônico perdeu a atratividade e a aula simulada venceu o desafio de ser mais interessante que o celular e seus aplicativos. Agora, para finalizar esse relato, há alguns questionamentos a serem acrescentados a esse debate: a aula pode ser mais atrativa que o celular? A escola que melhor qualifica é aquela que proíbe radicalmente o uso de celular ou aquela escola que ensina o discente a trabalhar a tecnologia a seu favor e com saúde? A resposta final, no início de uma possível era da inteligência artificial, talvez seja a oportunidade para inovar em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: aula atrativa, celular, proibição, itinerário formativo

¹ Rede Chromos de Ensino, marcio.silva@chromos.com.br

² Rede Chromos de Ensino, carolrodrigues.profissional@gmail.com